

A RELAÇÃO ENTRE A PRODUÇÃO LITERÁRIA NA AMAZÔNIA PARAENSE DO SÉCULO XIX E A IMPRENSA PERIÓDICA BELENENSE OITOCENTISTA

Alan Victor Flor da Silva

Doutor em Letras pela Universidade Federal do Pará (UFPA)

alan.flor@hotmail.com

RESUMO

Objetivamos, com este trabalho, demonstrar que escritores radicados na capital da província do Pará, durante as duas últimas décadas do século XIX, seguiram uma mesma tendência que se arrolava em outras partes do território brasileiro, principalmente no Rio de Janeiro, capital do país na época. Assim como ocorreu em outras províncias do Brasil no Oitocentos, esses escritores se apropriaram do espaço do jornal para a publicação de trabalhos literários (romances, contos e poemas), para o anúncio de obras impressas recém-lançadas, para a divulgação de críticas literárias destinadas à produção literária assinada por colegas de ofício (homens de letras também radicados na capital da província do Pará) e para a realização de debates em torno das escolas literárias vigentes durante o final do século XIX (Romantismo e Naturalismo). Este trabalho é resultado da pesquisa em fontes primárias – a exemplo de periódicos que circularam diariamente pela capital paraense durante as duas últimas décadas do Oitocentos – e fontes secundárias – a exemplo de dicionários, antologias, enciclopédias e histórias literárias.

Palavras-chave: imprensa periódica; produção literária; escritores; Belém; século XIX.

ABSTRACT

The objective of this article is to demonstrate that writers settled in the capital of Pará, over the two last decades of the nineteenth century, followed the same trends as did authors in other parts of the Brazilian territory – mainly the ones from Rio de Janeiro, the capital of the country by that time. As it happened in other provinces of Brazil in the eighteenth hundreds, these writers used the journals to publish their literary work (novels, tales, poems), to announce recently published printed pieces, to disseminate literary reviews that focused on the literary production of other colleagues (men of letters also settled in the capital of Pará) and to promote debates about the prevailing literary schools in the late nineteenth century (Romanticism and Naturalism). This paper is based on research conducted using primary sources – such as periodicals that were issued daily in the capital of Pará during the two last decades in the eighteenth hundreds – and secondary sources – for example, dictionaries, anthologies, encyclopedias, and literary stories.

Keywords: periodic press; literary production; writers; Belém; nineteenth century.

1. Considerações iniciais

Na *Formação da literatura brasileira*, especificamente no capítulo sobre o aparecimento da ficção, Antonio Candido (2007) apresenta a intenção de traçar um mapa literário do Brasil por meio de romances assinados por escritores brasileiros do século XIX, que tinham “fome de espaço” e “ânsia topográfica” de tornar certas regiões do país literárias, como Teixeira e Sousa, Joaquim Manuel de Macedo, Bernardo Guimarães, Manuel Antônio de Almeida, Visconde de Taunay, José de Alencar, Franklin Távora, Aluísio de Azevedo e Inglês de Sousa. Em meio a esse projeto, o autor insere Inglês de Sousa como o único escritor responsável por explorar ficcionalmente toda a extensão da região amazônica.

Assim como Antonio Candido, Márcio Souza (2014), romancista amazonense de grande prestígio hoje no cenário da literatura nacional, por sua vez, considerou, em meio aos autores que se dedicaram à atividade literária na Amazônia durante o ciclo da borracha, apenas Inglês de Sousa como o único escritor importante e representativo. Os demais autores conterrâneos e contemporâneos a Inglês de Sousa, em contrapartida, foram considerados por Márcio Souza como pouco dignos de apreço, pois não possuíam leitores, reforçaram a sociedade da troca de favores e contrastavam com os colegas de ofício do Rio de Janeiro, que exerciam no mesmo período a atividade literária com profissionalismo e consolidaram a indústria editorial brasileira.

Inglês de Sousa, no entanto, embora tenha nascido na província do Pará e ainda tenha ambientado todas as obras que produziu na Amazônia, saiu da região mais ao norte do país aos onze anos de idade e depois nunca mais retornou para a terra natalícia. O romancista e contista paraense, com efeito, construiu um nome no cenário literário em São Paulo e, principalmente, no Rio de Janeiro, onde publicou livros, criou laços e

construiu relações com outros homens de letras, a exemplo de Sílvio Romero (FERREIRA, 2015). Quem eram, então, os escritores “menores” e “sem leitores”, conforme asseverou Márcio Souza, que permaneceram na região amazônica durante o século XIX e exerceram a atividade da produção literária?

A partir da pesquisa realizada em diversas histórias literárias, verificamos que os únicos escritores nascidos na Amazônia durante o século XIX a serem mencionados nessas obras são Herculano Marcos Inglês de Sousa (1853-1918), João Marques de Carvalho (1866-1900) e José Veríssimo Dias de Matos (1857-1916). A pesquisa em dicionários, enciclopédias e antologias, no entanto, revelou um número um pouco mais expressivo de autores não apenas nascidos, como também radicados na região amazônica durante o final do Oitocentos que se dedicaram simultaneamente à produção literária e à imprensa periódica. Tal fato demonstra que muitos homens de letras residentes na Amazônia do século XIX estabeleceram-se em periódicos que circularam na região e ainda associaram a produção literária à atividade jornalística, prática muito comum entre escritores estabelecidos em outras províncias do Brasil na mesma época.

A pesquisa que realizamos em periódicos belenenses oitocentistas, por exemplo, relevou um número significativo de escritores situados na capital paraense durante o final do século XIX que contribuíram para as páginas de diversos periódicos que circularam pela Belém oitocentista com poemas, crônicas, contos e romances. Nesse sentido, não podemos ignorar o papel da imprensa periódica para o cultivo da produção literária entre os jovens radicados na capital paraense do século XIX, sobretudo quando alguns desses escritores, segundo as biografias contidas em antologias, dicionários e enciclopédias, não chegaram a alcançar a façanha de publicar poemas, crônicas, contos e romances em livros, a exemplo de Antônio Marques de Carvalho (1867-1915), Frederico Rhossard

(1868-1900) e Guilherme de Miranda (1870-1909). Os únicos rastros da produção literária desses autores, portanto, encontram-se esparsos em meio às páginas de periódicos que circularam pela capital paraense a partir do final do século XIX.

Com base, portanto, na pesquisa que realizamos em periódicos belenenses oitocentistas, objetivamos, com este trabalho, estabelecer uma relação entre a produção literária na Amazônia paraense do século XIX e a imprensa periódica belenense oitocentista, a fim de demonstrar o importante papel dos periódicos para a divulgação de obras literárias – tanto em verso quanto em prosa de ficção – assinadas por escritores que se radicaram na capital da província do Pará durante o final do Oitocentos.

Esses homens tanto da imprensa quanto das letras estavam seguindo uma tendência que se difundia por todo o território nacional na mesma época: apropriaram-se do espaço do jornal para a divulgação de gêneros literários e, conseqüentemente, estabeleceram uma relação muito estreita entre jornalismo e literatura. Desse modo, podemos assegurar que os autores estabelecidos na Belém do final do século XIX estavam atentos às práticas de produção, circulação e recepção de gêneros literários não apenas no Brasil, como também na Europa.

2. O romance-folhetim

O romance-folhetim obteve um sucesso estrondoso durante a maior parte do século XIX, tornando-se, assim, o carro-chefe da maioria dos jornais que circularam nesse período não apenas na Europa, como também na América Latina (MEYER, 1996). No Brasil, em especial, o gênero começou a ser cultivado em jornais do Rio de Janeiro, capital do país na época, e depois se espalhou por diversas províncias do Norte ao Sul do território nacional¹. Inicialmente, o romance-folhetim foi importado da França –

prevalecendo, portanto, as traduções – e, em seguida, começou também a ser experimentado em quase todo o país por escritores brasileiros, seja para imitá-lo, seja para aclimatá-lo, seja para transformá-lo (HEINEBERG, 2008).

Na província do Pará, em particular, o romance-folhetim também teve uma larga penetração, sobretudo na imprensa periódica belenense oitocentista². Segundo Germana Sales (2007), o gênero, predominantemente, circulava na capital paraense seja por meio da tradução, seja por meio da extração de jornais publicados no Rio de Janeiro. Apesar disso, começou a surgir, a partir da penúltima década do século XIX, um pequeno número de escritores radicados em Belém que se aventuraram pela publicação de romance-folhetim na imprensa da capital paraense.

Conforme a pesquisa que desenvolvemos, o *Diário de Belém*, até o presente momento, foi o primeiro periódico a lançar romances-folhetins pela pena de escritores radicados na capital paraense, como Paulino de Almeida Brito (1858-1919), Teodorico Francisco de Assis Magno (1866-1885), Múcio Javrot (?-1904) e João Marques de Carvalho (1866-1910), colaboradores assíduos do jornal. Em seguida, *A Província do Pará* começou a adotar a mesma prática iniciada anos antes pelo *Diário de Belém* e propôs-se a lançar em regime seriado alguns romances assinados por alguns cooperadores do periódico, a exemplo de Marques de Carvalho e Pontes de Carvalho (?-?). Nesse mesmo período, o *Diário de Notícias* encetou a publicação de um romance assinado por Paulino de Brito, mas a divulgação dos fascículos desse trabalho não perdurou por muito tempo. A *República*, órgão do Clube Republicano, chegou a lançar um romance em fascículos pela pena de Marques de Carvalho, quando o escritor era colaborador do jornal, mas, sem nenhuma explicação, essa narrativa ficcional foi repentinamente suspensa. Outros periódicos que circularam na Belém do século XIX, assim como o *Sílvio Romero* e *A Arena*,

chegaram a lançar poemas e contos assinados por autores residentes na capital paraense, mas não se destinaram a publicar romances em série cultivados por esses mesmos escritores. Aliás, o poema e o conto foram os gêneros divulgados nas páginas da imprensa periódica belenense oitocentista pela pena de escritores residentes em Belém encontrados com maior recorrência em relação ao romance-folhetim.

A tabela a seguir apresenta as obras representantes do gênero folhetinesco que foram lançadas na imprensa periódica belenense oitocentista e produzidas pela pena de escritores radicados em Belém:

Tabela 1 - Romances assinados por escritores radicados na província do Pará e publicados na imprensa periódica belenense oitocentista.

Título	Autor	Local de publicação (coluna e jornal)	Período	Número de fascículos encontrados	Situação
O homem das serenatas	Paulino de Brito	Folhetim do Diário de Belém	1º de janeiro a 5 de março de 1882	18	Finalizado
Por causa de uma loucura	Teodorico Magno	Folhetim do Diário de Belém	5 de janeiro a 9 de março de 1882	24	Finalizado
Através do desconhecido: o romance da terra	Múcio Javrot	Folhetim do Diário de Belém	27 de agosto de 1882 a 28 de janeiro de 1883	23	Não finalizado
Ângela	Marques de Carvalho	Variedade do Diário de Belém	17 de novembro de 1883 a 13 de setembro de 1884	27	Finalizado, mas com algumas interrupções
Um lázaro	Paulino	Folhetim do Diário de	30 de	8	Não

moral (esboço realista)	de Brito	Notícias	setembro a 14 de outubro de 1884		finalizado
A leviana: história de um coração	Marques de Carvalho	Folhetim dA Província do Pará	25 de março a 4 de agosto de 1885	38	Não finalizado
Maria Clara	Pontes de Carvalho	Folhetim dA Província do Pará	10 de fevereiro a 8 de março de 1887	18	Não finalizado
O pajé (romance naturalista)	Marques de Carvalho	Folhetim dA República	18 de janeiro a 20 de fevereiro de 1887	23	Não finalizado

A partir da leitura dos romances-folhetins listados na tabela acima, podemos afirmar que escritores radicados na Belém do século XIX que se aventuraram pela produção do gênero folhetinesco intencionaram cultivá-lo aos moldes do romance-folhetim francês, pois as longas narrativas em série que esses autores produziram apresentam muitas características em comum com os trabalhos do mesmo gênero elaborados por escritores franceses.

“O homem das serenatas”, por exemplo, demonstra claramente que Paulino de Brito estava atento às produções contemporâneas desse gênero, pois esse romance do autor amazonense apresenta todas as principais características do romance-folhetim, como o apelo ao suspense, a presença de um narrador intruso, a constituição plana e estereotipada das personagens e a forte influência do melodrama.

Em relação ao apelo ao suspense, não são poucos os fascículos do romance de Paulino de Brito que são encerrados exatamente num momento do enredo de grande

expectativa, tática responsável por induzir a curiosidade do leitor e, por conseguinte, convencê-lo a adquirir o número seguinte do jornal para que possa ter acesso à continuação da narrativa folhetinesca. Já no primeiro fascículo da narrativa de Paulino de Brito, Berta, a protagonista, encontrava-se sozinha em seu quarto perdida em pensamento quando estremeceu com algo que pareceu ouvir. Depois dessa informação, veio a famosa expressão “continua”. O que Berta, então, havia ouvido para lhe desviar dos próprios pensamentos acerca dos acontecimentos desagradáveis daquela noite e ainda para lhe provocar algum estremeção? O leitor apenas pôde obter essa resposta no número seguinte do jornal. No fascículo subsequente, o leitor descobriu que Berta “julgara ouvir uns acordes vagos e suaves como um prelúdio de harpa longínqua. Àquelas horas, quando o astro da inspiração derramava pelo céu a sua claridade poética, aqueles sons tinham a doçura de uma harpa eólia”. Depois de algum tempo, o instrumento parou de emitir notas, mas logo em breve voltou novamente a vibrar, só que “agora era um verdadeiro prelúdio: uma voz de tenor, melodiosa, extensa, apaixonada, quebrou o silêncio da noite”. Depois de um fragmento da letra da música em italiano entoada pelo cantor misterioso, o leitor se deparou mais uma vez com a expressão “continua”. Diante do final desse fascículo, é muito provável que os apreciadores do gênero tenham realizado a seguinte interrogação: quem era o dono daquela voz estonteante que perturbou a pequena Berta?

A partir desse momento, o suspense em relação à identidade oculta do cantor misterioso seria mantido até os últimos fascículos do romance de Paulino de Brito. O homem das serenatas, como assim passou a ser denominado durante toda a narrativa, tornou-se o principal assunto na vizinhança e nas rodas de discussão. Todas as personagens na obra, de modo geral, queriam saber quem era a figura desconhecida que

vinha à noite realizar serenatas em frente à casa de Berta. Postergar o suspense principal da narrativa para os fascículos finais, portanto, demonstra que o escritor amazonense estava atento à produção de um gênero criado em consonância com a materialidade do jornal e, conseqüentemente, às estratégias empregadas por outros folhetinistas para atrair e prender a atenção dos leitores.

No romance de Paulino de Brito, o narrador também age de diversas maneiras na construção da tessitura da narrativa. Em primeiro lugar, esse elemento presente na trama projeta um leitor atento a todos os pormenores da história, habilidoso em rememorar todas as situações já transcorridas no enredo e sagaz com capacidade suficiente de intuir os acontecimentos seguintes. No segundo capítulo da obra de Paulino de Brito, por exemplo, a protagonista Berta, no dia posterior à aparição do homem das serenatas, arrumava-se para o almoço enquanto pensava: “– Virá ele ainda está noite?”. Após o pensamento da heroína, o narrador pressupôs que o leitor já sabia a quem a protagonista estava se referindo: “Este *ele*, o leitor já o terá adivinhado, era o cantor noturno da véspera; era a única preocupação de Berta: foi o seu último pensamento antes de dormir, foi a imagem que lhe povoou os sonhos e foi a sua primeira ideia ao despertar”.

O narrador, em segundo lugar, também emite juízos em relação aos acontecimentos ocorridos na trama do romance de Paulino de Brito. Num determinado momento dessa narrativa, por exemplo, surgiram em meio a conversas entre alguns personagens comentários referentes a um boato que estava circulando na cidade de Belém sobre um possível casamento entre Berta, a heroína, e Anacleto, o vilão. Depois dessas conversas, quem narra a história dirige-se a quem a está lendo: “Mas, perguntará o leitor, este absurdo boato de casamento de Berta com Anacleto terá algum fundamento?”. Logo depois dessa pergunta, o narrador prontificou-se a respondê-la e,

em seguida, teceu comentários a respeito da situação e dos sentimentos da heroína, assim como também das decepções pelas quais a menina havia passado:

Tem, respondeu eu [narrador], Anacleto frequenta agora assiduamente a casa de Luiz, e a filha deste, a nossa heroína, já não vota ao pedante o mesmo desprezo antigo, e ao contrário toda a sua antipatia por ele mudou em benevolência: Berta ama Anacleto; pelo menos ela assim acredita, e as outras pessoas acreditam ainda mais do que ela.

Quanto ao modo porque se operou esta transformação em seu espírito, nem eu nem ninguém poderá explicá-lo. [...]

Berta sofrera uma decepção tremenda. A amargura que se lhe derramara na alma era incalculável.

Efetivamente, o destino parecia conspirar para acabrunhá-la de decepções.

Seu coração tinha duas atrações que o solicitavam com igual força, uma para o homem das serenatas, outra para o pintor Alberto. Mas eis que um dia descobre no primeiro o tolo do Anacleto, e o segundo, que devia ficar senhor absoluto do seu coração, patenteia-se-lhe logo depois como um indivíduo vulgar, completamente diverso do que ela imaginara, e que de mais a mais não a amava.

Em terceiro lugar, o narrador de Paulino de Brito estabeleceu em determinados momentos da narrativa uma relação de intimidade com o leitor para muito além dos limites estabelecidos entre quem conta a história e quem a lê. Essa figura de grande relevo nos romances do século XIX demonstra na produção ficcional do escritor amazonense a explícita intenção de transportar juntamente consigo os apreciadores do romance de Paulino de Brito para o interior da trama e colocá-los também como expectadores dos acontecimentos que se passam no centro do enredo. Nesse sentido, o narrador comporta-se como se fosse um amigo camarada colocando o braço no ombro do leitor, apontando para as personagens com o dedo indicador e descrevendo com copiosos detalhes todos os acontecimentos a rodeá-los. O nono capítulo, por exemplo, foi destinado à realização de uma festa em comemoração ao aniversário da menina Berta. Nesse momento quase final da história, o suspense crucial será desvendado: a identidade do homem das serenatas será finalmente revelada e Anacleto, o vilão, será

desmascarado. Antes, no entanto, dessas revelações, o narrador explicitou no início do capítulo a proposta de apresentar ao leitor que o acompanha as personagens então presentes no começo da festa. Vejamos:

Vou apresentar algumas dessas pessoas ao leitor.

Vê aquele sujeito baixo, cheio de corpo, de bigodes grisalhos, com a cara cheia de sinais de bexigas e respirando um ar bonachão? É Luiz.

Ao pé dele está uma senhora um tanto gorda e um tanto madura, mostrando, porém, ainda vestígios de uma rara beleza. É D. Ana, sua mulher e mãe de Berta.

Junto a eles está um rapaz dos seus 25 anos de idade, de estatura e corpo medianos, cara comprida e um tanto amarela, cabelos penteados com todo o primor, bigodes retorcidos e apontados como duas lancetas, calças que não deixariam ver os pés se estes não ultrapassassem um pouco as raias do comum, enormes botões de brilhantes nos punhos e no peito, uma rosa imensa na casa do croisé muito justo ao corpo e um pince-nez cavalgado sobre o nariz, que pelo seu lado se esforça para não ser pequeno. Este tipo conversa com Luiz e D. Ana e gesticula animadamente, fazendo ao mesmo tempo repetidas e ridículas medidas. É... O leitor já adivinhou quem é.

Fazem parte também deste grupo uma senhora idosa, um velho raquítico e umas moças excessivamente enfeitadas: são os pais e as irmãs de D. Marocas.

Lança a vista para outro lado, leitor. Não vês duas moças a conversarem sentadas naquele sofá? Uma é alva como um jasmim, tem cabelos castanhos e anelados, olhos negros e cismadores; é muito esbelta e elegante, e está vestida com simplicidade. Outra é um tipo essencialmente brasileiro: olhos e cabelos muito negros, tez morena, estatura um tanto abaixo da mediana: ri muito e a propósito de tudo; mas contra o adágio, que diz ser o riso abundante na boca dos tolos, ela de tola não tem nada. A primeira destas moças, que são ambas muito lindas, é a nossa Berta; a segunda é a D. Marocas.

A partir desse excerto, é possível verificarmos que o narrador, por meio do emprego de verbos na segunda pessoa do singular, dirige-se ao leitor como se ambos estivessem presentes lado a lado na festa de aniversário de Berta do mesmo modo que quaisquer outros convidados e tivessem uma visão privilegiada de todas as personagens³. Como podemos também perceber, a conjugação dos verbos principalmente no presente do indicativo nessa parte específica da narrativa resulta numa atualização da ação e, por essa razão, transmite a ideia de que o evento na casa da protagonista está ocorrendo no momento em que o leitor está lendo esse segmento do romance de Paulino de Brito⁴.

No romance de Paulino de Brito, por exemplo, a tríade de personagens típicas do melodrama e do romance-folhetim também é muito bem demarcada. Berta, Anacleto de Almeida e Alberto de Andrade representam, respectivamente, a vítima, o vilão e o herói. Berta é uma doce menina que reunia uma quantidade variada de predicados, mas, apesar de ser instruída e inteligente, foi enganada por Anacleto e quase correu o risco de casar-se com esse toleirão. O rapaz fingiu ser o sujeito misterioso que vinha lhe oferecer serenatas debaixo das janelas do quarto da protagonista com a intenção de realizar um casamento com a filha de um rico negociante. Anacleto, contudo, não apenas foi capaz de enganá-la, como também era uma figura que destoava em diversos aspectos da personalidade de Berta, pois, assim como os vilões do melodrama, incorporava uma série de vícios, a exemplo da ganância, da vaidade, da frivolidade, da hipocrisia, da arrogância e da ignorância. Em contraste ao vilão do romance de Paulino de Brito, Alberto apresentava qualidades condizentes com o perfil dos heróis de narrativas folhetinescas, visto que representava a personificação das virtudes, como a benevolência, a integridade, a profundidade, a humildade, o respeito, a sabedoria e o desapego. Além de ser extremamente virtuoso, o pintor também representava o herói porque salvou a menina Berta de realizar um casamento com Anacleto, um homem pelo qual a heroína não sentia amor, mas sim aversão. Em razão do perfil do antagonista, essa união estava predestinada ao fracasso e conduziria a protagonista certamente à infelicidade.

É válido expressarmos também que Alberto é um herói que age e às vezes renuncia a si mesmo em favor da vítima. Embora tivesse se apaixonado verdadeiramente por Berta, abdicou do amor que a protagonista lhe devotava para que a menina não sofresse, visto que o pintor já estava com a partida marcada muito em breve para a Europa. Depois de ter percebido, porém, que havia liberado o caminho para que Anacleto

se aproximasse de Berta, elaborou um plano para desmascarar a mentira do vilão. Alberto, no entanto, não planejou revelar a farsa do impostor para conseguir de volta como recompensa o amor e a admiração da heroína, mas sim apenas para salvá-la de um casamento certamente infeliz, sem que obtivesse nenhum benefício com o seu ato heroico. Esse fato pode ser confirmado quando o pintor, depois de ter-se revelado como o homem das serenatas, aproveitou-se da confusão em torno do desmaio de Berta para levantar-se e retirar-se sem ter sido percebido. Antes de sair, lançou um olhar indecifrável para o corpo inanimado da única mulher que amou e despedia-se da menina para sempre. No dia seguinte, partiu com o coração despedaçado num vapor que seguia para a Europa. Convém elucidarmos ainda que Alberto também abdicou do amor de Berta porque não possuía prestígio social nem fortuna e, por essa razão, não queria que ninguém o julgasse erroneamente como um rapaz interessado na fortuna do pai da moça. O pintor, portanto, preocupava-se muito em preservar a própria índole e a própria imagem.

Nesse sentido, o romance de Paulino de Brito foi escrito aos moldes do romance-folhetim, gênero cultivado por vários autores e consumido por inúmeros leitores dos mais distintos segmentos sociais, tanto na Europa quanto na América Latina. Tal fato, portanto, demonstra que o autor amazonense, assim como muitos outros escritores brasileiros contemporâneos, estava atento às formas literárias que mais se produziam e se consumiam nas últimas décadas do século XIX e, por essa razão, tentou produzir um romance que pudesse atrair o interesse do público-leitor da época que vivia em Belém. Assim como Paulino de Brito, outros autores se aventuraram pela produção de romances aos moldes folhetinescos para a imprensa periódica belenense oitocentista, a exemplo de Teodorico Magno, Múcio Javrot e Marques de Carvalho.

Dessa forma, o espaço do jornal também foi usado por escritores radicados na capital paraense do final do século XIX, não apenas como uma forma de se promoverem como escritores e levarem ao conhecimento da população belenense as obras recém-lançadas que produziram inicialmente para a imprensa local, mas também como uma forma de conquistar os leitores situados em Belém com a produção de gêneros reservados ao entretenimento de maior sucesso na mesma época, a exemplo do romance-folhetim.

3. Anúncios de venda de livros

Assim como no restante do país durante o século XIX, nenhum escritor radicado na província do Pará viveu apenas da própria pena. Paralelamente ao ofício da atividade de escrita literária, todos – sem exceção – exerciam outras funções. A partir das biografias desses autores encontradas em dicionários, enciclopédias e antologias, observamos, por exemplo, que esses literatos dedicados ao cultivo das letras na província do Pará, muitas vezes, também eram jornalistas, professores, advogados, médicos, políticos, militares e funcionários públicos.

Como a publicação de livros era uma façanha árdua e cara, o jornal era o meio mais acessível para que esses escritores durante o final do Oitocentos divulgassem aos leitores os escritos provenientes das próprias penas. Conforme mencionamos anteriormente, alguns desses autores nunca chegaram a publicar um único livro sequer, assim como Antônio Marques de Carvalho, Frederico Rhossard e Guilherme de Miranda.

No Brasil, sabemos que a imprensa periódica foi responsável pela divulgação da produção literária de muitos escritores no decorrer do século XIX. Até mesmo autores que alcançaram posteriormente um estatuto canônico chegaram a publicar poemas,

crônicas, contos e romances primeiramente nas páginas de jornais e revistas para depois editá-los em livro, a exemplo de Teixeira e Sousa, Joaquim Manoel de Macedo, José de Alencar, Manuel Antônio de Almeida, Visconde de Taunay, Machado de Assis, Raul Pompéia e Aluísio de Azevedo (NADAF, 2009).

Seguindo a mesma tendência que se arrolava no restante do Brasil, diversos escritores estabelecidos na província do Pará sobretudo durante as duas últimas décadas do século XIX também deixaram uma parte significativa da sua produção literária lançada em periódicos. Na Belém do Oitocentos, a imprensa sempre foi uma forte aliada para quem tinha a pretensão de se aventurar pelo caminho das letras, pois era o meio mais acessível para que esses jovens escritores pudessem se tornar conhecidos e, ao mesmo tempo, conseguissem divulgar criações literárias dos mais variados gêneros, como poemas, crônicas, contos e romances.

Apesar da dificuldade, alguns escritores residentes na província do Pará no século XIX empenharam-se em lançar obras em volume. A partir da pesquisa realizada tanto em dicionários, enciclopédias e antologias quanto em periódicos belenenses oitocentistas, foi possível conhecermos alguns desses literatos. Elaboramos, portanto, a tabela a seguir para oferecermos um breve panorama acerca da produção poética e ficcional publicada em volume de autores localizados na região amazônica paraense durante o século XIX. Ela:

Tabela 2 - Obras assinadas por escritores radicados na província do Pará e lançadas em volume durante a segunda metade do século XIX.

ANO	TÍTULO	AUTOR
1868	<i>Monodias</i> (poesias)	Francisco Ferreira Vilhena Alves (1847-1912)

1869	<i>Arpejos poéticos</i> (poesias)	Carlos Hipólito de Santa Helena Magno (1848-1882)
1870	<i>Piraustas</i> (poesias)	Júlio César Ribeiro de Souza (1843-1887)
1877	<i>Pirilampos</i> (poesias)	Luiz Demétrio Juvenal Tavares (1850-1907)
1883	<i>Tentativas literárias</i> (romances)	Paulino de Almeida Brito (1858-1919) Teodorico Francisco de Assis Magno (1866-1885)
	<i>A bebedeira</i> (poema)	Paulino de Almeida Brito
1884	<i>Crepusculares</i> (poesias)	Múcio Javrot (?-1904)
1886	<i>Cenas da vida amazônica</i> (contos)	José Veríssimo Dias de Matos (1857-1916)
	<i>Sonho do monarca</i> (poemeta abolicionista)	João Marques de Carvalho (1866-1910)
	<i>Lavas</i> (poemeta-carta ao Pará)	João Marques de Carvalho
1887	<i>A viola de Joana</i> (versos populares)	Luiz Demétrio Juvenal Tavares
1888	<i>Noites em claro</i> (poesias)	Paulino de Almeida Brito
	<i>Numa pétala de rosa</i> (poesia)	João de Deus do Rêgo (1868-1902)
	<i>Primeiras rimas</i> (poesias)	João de Deus do Rêgo
	<i>Orquídeas</i> (poesias)	José Eustáquio de Azevedo (1867-1943)
	<i>Hortência</i> (romance)	João Marques de Carvalho
1889	<i>Versos antigos e modernos</i> (poesias)	Luiz Demétrio Juvenal Tavares
	<i>O livro de Judite</i> (poesias e contos infantis)	João Marques de Carvalho
	<i>Contos paraenses</i> (contos)	João Marques de Carvalho
1892	<i>Contos</i> (contos)	Paulino de Almeida Brito
	<i>Musa republicana</i> (poema)	Luiz Demétrio Juvenal Tavares
1893	<i>A vida na roça</i> (poesias e contos)	Luiz Demétrio Juvenal Tavares
1895	<i>Coisas profanas</i> (poesias)	Acrísio Mota (1866-1907)

1896	<i>Entre as ninfas</i> (contos e crônicas)	João Marques de Carvalho
	<i>Casos e mais casos</i> (contos)	Luiz Demétrio Juvenal Tavares
	<i>A viúva</i> (romance)	José Eustáquio de Azevedo
1897	<i>Serões de mãe preta</i> (contos para crianças)	Luiz Demétrio Juvenal Tavares
1900	<i>Contos do Norte</i> (contos)	João Marques de Carvalho
	<i>Cantos amazônicos</i> (poesias)	Paulino de Almeida Brito
1902	<i>Histórias e aventuras</i> (contos)	Paulino de Almeida Brito
1905	<i>Últimas rimas</i> (poesias)	João de Deus do Rêgo
1908	<i>Fadas e lobisomens</i> (histórias infantis)	Acrísio Mota

As *Tentativas literárias*, por exemplo, foram o primeiro projeto de publicação de prosa de ficção em livro empreendido por escritores radicados na província do Pará a ser divulgado nas páginas de periódicos que circularam pela capital paraense durante o século XIX. Essa obra impressa reunia dois romances que saíram à luz primeiramente no rodapé do *Diário de Belém*, como “O homem das serenatas”, de Paulino de Brito, e “Por causa de uma loucura”, de Teodorico Magno. Esses trabalhos foram concluídos, respectivamente, em 5 e 9 de março de 1882 e, a partir do mês de setembro do mesmo ano, o *Diário de Belém* começou a divulgar um anúncio com a informação de que esses “romances de costumes paraenses” sairiam à luz brevemente num elegante volume com cerca de trezentas páginas e sob regime de subscrição à razão de 2\$000 cada exemplar.

Segundo Ubiratan Machado (2010), a subscrição era uma outra maneira de editar livros no Brasil utilizada por muitos escritores, a exemplo de Joaquim Manuel de Macedo, Casimiro de Abreu e Manuel Antônio de Almeida. Quando tomavam conhecimento de que uma determinada obra estava sendo vendida por regime de subscrição, os

interessados em adquiri-la assinavam uma lista e efetuavam antecipadamente o pagamento para logo garantir a aquisição de um exemplar. Assim que a quantidade de subscritores se igualava ao número de exemplares previamente estipulados para a edição, a obra entrava para o prelo. Se, por acaso, a soma de assinaturas não alcançasse o quantitativo de exemplares antecipadamente acertados, quem pagava a diferença era o próprio autor. Para, então, chamar a atenção dos presumíveis assinantes, os escritores publicavam anúncios em periódicos e, por meio desses reclames, informavam aos leitores geralmente o título e o gênero da obra, o valor da subscrição e os locais onde se encontravam as listas de assinaturas. Dessa forma, o autor não pagava pelo valor integral referente à impressão dos exemplares da sua obra, evitava o risco de um investimento sempre incerto e ainda garantia antecipadamente o seu lucro.

Percebemos, portanto, que Paulino de Brito e Teodorico Magno se propuseram a lançar “O homem das serenatas” e “Por causa de uma loucura” em volume pelo regime de subscrição. Os romancistas convocaram os assinantes a partir da publicação de anúncios no *Diário de Belém* e, por meio desse sistema de assinaturas, obtiveram posteriormente a edição das *Tentativas literárias*.

No dia 3 de setembro de 1882, a mesma folha, por exemplo, publicou também uma nota sobre o lançamento logo em breve do livro que reuniria as “publicações literárias” de Paulino de Brito e Teodorico Magno⁵. Nessa nota, o periódico noticiou o sucesso que essas produções, quando estavam ainda sendo divulgadas em fascículos no rodapé do jornal, causaram nos leitores. Vejamos: “O interesse que tais produções inspiraram aos nossos leitores e os constantes pedidos feitos a esta redação por aqueles que ligam suma importância a tal gênero de trabalho levaram os seus autores [...] a empreender este tentame arrojado”. No final do ano seguinte, o mesmo jornal começou

a publicar outro anúncio que comunicava aos leitores dessa vez a venda das *Tentativas literárias* no Livro de Ouro, um estabelecimento comercial localizado em Belém de propriedade de José Secundino & Monteiro associado ao ramo de negócio da tipografia e encadernação.

Na Amazônia paraense, não foram apenas Paulino de Brito e Teodorico Magno que recorreram ao regime de subscrição para que pudessem publicar as suas produções literárias em volume. Por meio dessa estratégia de publicação, Múcio Javrot também conseguiu lançar em 1884 uma coleção de poesias intitulada *Crepusculares*. Do mesmo modo, Marques de Carvalho, por meio dessa tática de impressão, tentou editar nesse mesmo ano o romance *Os laços indissolúveis*, mas não obteve êxito, pois não encontramos em periódicos que circularam nesse período pela capital paraense, nem tampouco nas biografias do autor disponíveis em dicionários, enciclopédias e antologias, nenhuma notícia ou qualquer informação de que essa obra havia saído à luz.

Apesar das dificuldades encontradas para desenvolver a atividade da escrita literária na própria região onde se estabeleceram, alguns escritores que fixaram residência na Amazônia paraense durante o final do século XIX empenharam-se também para possivelmente adquirir alguma projeção nacional. Para tanto, enviavam os livros recentemente lançados aos jornais que circularam não apenas em Belém, como também em outras partes do Brasil. Esses periódicos, em contrapartida, divulgavam notas em agradecimento pela oferta das obras e, algumas vezes, publicavam até mesmo ensaios críticos sobre esses trabalhos.

Paulino de Brito e Teodorico Magno, por exemplo, remeteram as *Tentativas literárias* a vários jornais de diferentes regiões do país, sobretudo do Rio de Janeiro, pois alguns periódicos emitiram notas em agradecimentos pela oferta do livro assinado por

esses dois escritores. No dia 16 de junho de 1883, o *Diário de Pernambuco*, jornal publicado em Recife, anunciou o recebimento dessa obra e agradeceu pelo exemplar com o qual foi mimoseado. Vejamos:

Do Pará, onde foi publicado, recebemos um volume de 256 páginas contendo dois interessantes romances intitulados: um, o Homem das Serenatas, pelo Sr. Paulino de Brito; o outro, Por causa de uma loucura, pelo Sr. Dr. Teodorico Magno.

Posto que sejam ambos os primeiros frutos literários dos seus autores, recomendam-se ambos como trabalhos conscienciosos, e ambos auguram futuro lisonjeiro para os moços que os elaboraram, e os deram em primeira edição no Diário de Belém, onde viram a luz em folhetins, geralmente apreciados.

Agradecemos o mimo que recebemos de um exemplar.

A *Tentativas literárias* também receberam notas em agradecimento pela oferta da obra e às vezes apreciações críticas em periódicos do Rio de Janeiro, como *O Apóstolo* (em 24 de outubro de 1883), *Gazeta da tarde* (18 de novembro de 1883) e *Diário do Brasil* (24 de novembro de 1883). Além das *Tentativas literárias*, outras obras assinadas por escritores paraenses receberam em periódicos de diferentes partes do país, sobretudo na Corte, notas em agradecimento pela oferta da obra e alguns julgamentos críticos, a exemplo das *Noites em claro* e dos *Cantos amazônicos*, de Paulino de Brito; *O sonho do monarca*, *Lavas e Hortênciã*, de Marques de Carvalho. Assim como Paulino de Brito e Marques de Carvalho, Juvenal Tavares e José Eustáquio de Azevedo são outros exemplos de escritores na Amazônia paraense que também enviaram as recentes publicações literárias derivadas das próprias penas para jornais de outras regiões do Brasil, pois encontramos notas em agradecimento pela oferta de livros assinados por esses dois autores em periódicos que circularam no século XIX tanto no Rio de Janeiro quanto em Recife.

Nesses mesmos jornais de outras partes do Brasil onde localizamos as notas em agradecimento pela oferta das obras e os ensaios críticos aludidos, não encontramos, infelizmente, anúncios sobre a venda de livros derivados da pena de escritores radicados na província do Pará, nem mesmo cartas de leitores a respeito dessas publicações, para afirmarmos que essas obras noticiadas em periódicos publicados em distintos lugares do território brasileiro circularam efetivamente nas demais províncias do Brasil e, dessa maneira, estavam também disponíveis aos leitores estabelecidos em outras regiões do país. No entanto, essas notícias sobre a oferta de exemplares de obras assinadas por alguns autores localizados na Amazônia paraense a periódicos de diferentes partes da circunscrição nacional, sobretudo do Rio de Janeiro, se não atestam a efetiva circulação desses livros para além dos limites da província do Pará, pelo menos demonstram o empenho empreendido por esses autores em tentar colocar tais publicações em trânsito pelo território brasileiro com o intuito de alcançarem possivelmente alguma projeção nacional.

Convém ressaltarmos, porém, que o envio de livros para as redações de periódicos de outras partes do território nacional não era uma prática executada apenas por escritores que fixaram residência na província do Pará. A pesquisa realizada em jornais que circularam por distintas cidades do território nacional demonstrou que muitos autores brasileiros durante o século XIX estabelecidos em outras regiões, a exemplo de Inglês de Sousa e Machado de Assis, procuraram obter algum benefício a partir desse recurso. Tal fato, no entanto, insinua que muitos escritores radicados na província do Pará estavam atentos aos recursos utilizados na época pelos pares de outras regiões do país para conseguir projeção nacional no âmbito das letras.

Para que pudessem, então, promover os títulos das obras recém-lançadas não apenas na capital paraense, como também em outras localidades diferentes do território brasileiro, homens das letras e do jornalismo radicados na Belém oitocentista, de forma bastante estratégica, se apropriaram dos jornais para promoverem os livros que haviam publicado recentemente.

4. O nascimento de uma crítica literária

A crítica literária era um gênero que também circulava assiduamente na imprensa periódica belenense oitocentista. Prenominavam, no entanto, em periódicos que circularam pela capital paraense durante a segunda metade do século XIX apreciações críticas extraídas de periódicos impressos em outras províncias do país, geralmente sobre escritores estrangeiros – sobretudo em relação aos franceses – e sobre autores brasileiros renomados, seja de maneira mais específica – isto é, a partir de uma única obra, geralmente recém-lançada –, seja de maneira mais abrangente – ou seja, a partir do estilo literário do autor, a partir da vinculação a uma determinada escola literária vigente no século XIX ou ainda a partir do conjunto da obra em geral. Apesar disso, começaram a ser divulgados nos veículos da imprensa periódica de Belém, a partir da penúltima década do Oitocentos, julgamentos críticos sobre a produção literária assinada por escritores radicados na província do Pará.

Além de nos depararmos, então, com uma produção literária nas páginas da imprensa periódica belenense oitocentista assinada por escritores radicados na província do Pará, encontramos também em alguns periódicos que circularam pela capital paraense nas duas últimas décadas do século XIX ensaios, cartas, comentários, crônicas, perfis biobibliográficos, necrológios, notícias e notas que se propuseram a tecer apreciações

críticas acerca dos trabalhos tanto em verso quanto em prosa produzidos por esses autores, mesmo que sejam de caráter impressionista.

Assim que saíam à luz, as obras impressas estampadas com nomes de escritores radicados na província do Pará, na maioria das vezes, recebiam críticas assinadas por colegas de ofício, como jornalistas e escritores. Nas páginas do *Diário de Belém*, por exemplo, foram encontradas publicações de teor crítico direcionadas aos trabalhos tanto em verso quanto em prosa recém-publicados e desenvolvidos por autores residentes na região.

Na coluna *Literatura* do *Diário de Belém*, as *Noites em claro*, um volume de composições poéticas de Paulino de Brito, também receberam, no dia 1º de abril de 1888, uma crítica elogiosa assinada por Manoel Valente do Couto, jornalista e diretor do *Diário de Belém* entre 29 de março de 1885 e 31 de julho 1888. Nessa publicação, o crítico divulgou que o poeta amazonense “acaba[va] de ilustrar as letras amazônicas com um trabalho mais do seu fecundo e invejável talento”.

Além das apreciações críticas sobre obras lançadas em volume, encontramos também no *Diário de Belém* ensaios nos quais os autores se propunham a tecer um perfil literário de escritores radicados na província do Pará e, por essa razão, ofereciam aos leitores do jornal um panorama sobre a produção literária desses autores. Na coluna *Letras e Artes* do *Diário de Belém*, Paulino de Brito, por exemplo, foi homenageado pelo amigo Marques de Carvalho com um ensaio de caráter crítico-biobibliográfico dividido em quatro fascículos e publicado nos dias 24, 25, 26 e 27 de fevereiro de 1885. Nessa publicação, o autor discorreu sobre a produção tanto ficcional quanto poética do escritor amazonense e também não economizou em elogios ao amigo e colega de ofício. Esse ensaio demonstra a admiração que o autor paraense sentia pela figura do ficcionista e

poeta amazonense. Vejamos: “Possam estas linhas, que aqui coloco à guisa de biografia, testemunhar a Paulino de Brito a estima que lhe consagro afetuosamente”.

Na coluna *Galeria Alegre* do *Diário de Belém*, Paulino de Brito, em 23 de setembro de 1888, foi novamente agraciado com outro ensaio crítico-bibliográfico, só que dessa vez assinado sob o pseudônimo de RI-DENTE. Nessa publicação, o crítico apresentava como propósito promover um painel geral sobre o trabalho literário do poeta nascido no Amazonas e afirmou em tom elogioso que “de toda esta rapaziada que se atira às pugnas literárias é ele [Paulino de Brito] um dos mais estimados e mais lidos”.

No *Diário de Belém*, houve ainda autores que, em razão do falecimento, receberam por meio da publicação de necrológios críticas póstumas, a exemplo de Teodorico Magno. No dia 6 de junho de 1885, o *Diário de Belém* anunciou a notícia do prematuro falecimento do escritor na província do Ceará, aos dezoito anos, em razão da tísica pulmonar. Nesse necrológio, o periódico exaltou o talento de Teodorico Magno no âmbito das letras. Vejamos: “Poeta sentidíssimo e inspirado, romancista primoroso, Teodorico Magno soube, com o seu talento, granjear para si uma distinta posição no meio dos moços que entre nós cultivam as letras”.

Dois anos após o falecimento, o escritor paraense tão prematuramente roubado às letras pátrias recebeu outra homenagem póstuma, mas o seguinte tributo, dessa vez, foi divulgado em outro periódico. No dia 3 de julho de 1887, Marques de Carvalho publicou um necrológio na *Arena* para homenageá-lo e, nessa publicação, enalteceu-o como um “distinto moço e inspirado poeta, – um dos mais belos ornamentos das letras amazônicas”. Em seguida, não economizou em elogios para enobrecer o trabalho literário de Teodorico Magno como escritor. Observemos: “A obra de Teodorico Magno há de ficar eternamente em nossa memória e na de nossos sucessores, porque tem fortemente

acentuado o sagrado cunho do verdadeiro sentimentalismo nos versos, e o da verdade nos romances”.

Essas críticas póstumas veiculadas na imprensa local, quando foram lançadas logo após a morte dos escritores, demonstram uma singela homenagem ao serviço que esses autores prestaram às letras na Amazônia paraense e, quando foram divulgadas anos depois, evidenciam uma tentativa dos idealizadores em manter ainda vivos na memória dos leitores da capital paraense o talento e a produção desses jovens que se dedicaram com afinco ao cultivo da escrita literária na província do Pará.

Dessa maneira, percebemos o desabrochar de uma crítica na imprensa periódica belenense oitocentista voltada para a produção de escritores radicados na província do Pará, elaborada por literatos e jornalistas conterrâneos e caracterizada, na maior parte das vezes, pelo forte caráter impressionista. Essa crítica ainda embrionária, no entanto, demonstra uma intenção muito evidente de valorização e propaganda dos trabalhos saídos da pena de autores fixados da província do Pará. Tal intuito torna-se perceptível quando atentamos para o forte cunho laudatório dessas apreciações críticas, que enchem quase sempre de elogios exacerbados tanto os produtores quanto as criações literárias.

Nesse sentido, essas apreciações críticas foram publicadas no espaço democrático do jornal como uma forma de propaganda à produção literária recém-publicada em livro por escritores radicados na Amazônia paraense, a fim de atrair o interesse dos leitores para a aquisição e a leitura de um exemplar da obra, assim também como uma forma de homenagem ao talento e à memória de autores que contribuíram de alguma maneira para o cultivo da literatura na província do Pará.

5. Romantismo e Naturalismo

Além da produção de romance-folhetim, um gênero não apenas importado de países europeus, como também elaborado em diferentes partes do território brasileiro, assim como também de apreciações críticas nos veículos de imprensa locais, escritores radicados na província do Pará envolveram-se ainda em discussões acerca das escolas literárias que se estabeleceram no século XIX tanto na Europa quanto no Brasil, a exemplo do Romantismo e do Naturalismo.

Do grupo dos autores românticos radicados na província do Pará, Paulino de Brito foi, sem dúvida, o maior expoente, em razão das inúmeras produções tanto em verso quanto em prosa que esse escritor amazonense divulgou nas páginas da imprensa periódica belenense oitocentista. Desse modo, os jornalistas que se prontificaram a elaborar, em linhas gerais, julgamentos críticos acerca dos trabalhos literários de Paulino de Brito não se eximiram de tecer comentários a respeito da inclinação do autor pelo Romantismo.

No *Diário de Belém* em fevereiro de 1885, Marques de Carvalho, por exemplo, divulgou um ensaio crítico em que traçava um perfil sobre a vida, a prosa e a poesia de Paulino de Brito. No segundo fascículo desse ensaio, o autor paraense afirmou que Paulino de Brito escreveu o romance “O homem das serenatas” a partir dos ideais românticos. Vejamos: “No *Homem das Serenatas* Paulino de Brito filiou-se a essa escola sentimental, que se dedica a estudar, a analisar as chagas do coração humano, escola cujo corifeu na França foi Lamartine, o melancólico amante de Graziela...”. Na coluna *Galeria Alegre* do *Diário de Belém*, também foi publicado, em 23 de setembro de 1888, outro ensaio crítico dedicado a Paulino de Brito, só que dessa vez assinado sob o pseudônimo de RI-DENTE. Nesse trabalho, o autor, assim como Marques de Carvalho, demonstrou-se ressentido com o fato de o escritor amazonense manter-se ainda filiado

ao Romantismo. Vejamos: “O único defeito que [Paulino de Brito] tem, e que eu sinto muito, é pertencer ele à velha escola de 1830, cujo descambar já se faz sentir no mundo do pensamento”.

Além de Paulino de Brito, outros escritores radicados na província do Pará produziram diversos contos de acordo com os moldes românticos. No *Diário de Belém*, por exemplo, João de Deus do Rêgo publicou “Isaura” (14 de fevereiro de 1886), “O sepulcro das flores” (30 de maio de 1886), “História de uma judia” (13 de junho de 1886), “A mameluca” (11 de julho de 1886) e “Adélia” (16 de janeiro de 1887). Nesse mesmo jornal, José Sarmanho divulgou “A romântica” (8 de maio de 1886), Frederico Rhossard publicou “Um romance ligeiro” (22 e 24 de agosto de 1886) e Henrique Rhossard lançou “Magdalena” (22 de janeiro de 1888) e “Irmã das flores” (28 de outubro de 1888).

As produções literárias de cunho romântico assinadas por esses autores seguem sempre o mesmo modelo: apresentam protagonistas que sucumbem e falecem por um amor impossibilitado de ser consumado, seja por necessidades financeiras, seja por impedimento familiar, seja por sentimento incorrespondido, seja por ingênua leviandade; exibem personagens que colocam a afeição amorosa acima de qualquer outra instância; associam o amor ao sofrimento, ao remorso, à tristeza e à compaixão; representam a morte como a única saída para a personagem romântica que sofre por amor livrar-se da angústia que tanto lhe atormenta; caracterizam os heróis românticos como modelos indiscutíveis de virtudes e, em algumas ocasiões, totalmente avessos aos vícios; expõem, na maioria das vezes, personagens que se apaixonam à primeira vista apenas a partir de uma troca de olhares e sem nenhuma conversa prévia.

Enquanto na Amazônia paraense durante as duas últimas décadas do século XIX havia, de um lado, escritores que estavam produzindo trabalhos literários aos moldes

românticos, encontravam-se, do outro, autores que passaram a menosprezar o Romantismo e começaram a criar afeição pelo Naturalismo. No prefácio do romance “O pajé”, publicado aos pedaços nos primeiros meses do ano de 1887 no rodapé da *República*, Marques de Carvalho, por exemplo, anunciou aos leitores do jornal que cortou definitivamente os laços que o mantinham atados aos ideais românticos. Vejamos: “alienei-me da velha escola romântica, desprezei-lhe os abusos e prolixidades, para deixar-me levar pela grande orientação literária da nossa época”. Na *Arena*, periódico literário e artístico de propriedade do escritor paraense, Marques de Carvalho, por sua vez, lançou, no dia 9 de junho de 1887, a primeira parte do ensaio intitulado “Da crítica literária”, no qual se demonstrou ressentido pelos moços paraenses que “caminham às cegas, vivendo a vida romântica dos atletas de 1830, sem que lhes passe pela mente a lembrança de que o Naturalismo abrirá a nós, moços de hoje, as portas do século XX, com essa grande chave que se chama – *a escola literária dos documentos humanos!*”. No ano seguinte, manifestou-se também a favor dos ideais naturalistas no prefácio da *Hortênci*a, o único romance do escritor paraense publicado em volume. Em todas essas publicações, Marques de Carvalho cultivou com veemência e entusiasmo o Naturalismo, escola literária que adotou, idealizou, defendeu ferrenhamente e almejou legitimar durante a carreira de escritor.

Além da filiação à escola naturalista, Marques de Carvalho exaltou em periódicos que circularam pela capital paraense a figura de Émile Zola, um dos mais representativos autores do Naturalismo na França. Na segunda parte do ensaio “Da crítica literária”, por exemplo, divulgado na *Arena* em 19 de junho de 1887, o autor paraense, depois de ter sido acusado por PLAN, pseudônimo de um colunista da *Província do Pará*, de demonstrar uma obsessão tanto pelo Naturalismo quanto por Émile Zola, confessou que

A minha inabalável admiração pela escola naturalista em literatura não é só o produto do encantamento em que vivo pelo enorme talento de Émile Zola. É também, e principalmente, porque depois de um longo e profundo inquérito sobre as passadas fases da literatura, cheguei à convicção de que o Naturalismo era, nesta época, uma fatal resultante da Evolução, e a única forma por que a literatura contemporânea poderia satisfazer as exigências do público e da crítica atuais.

Não é sistema, não: é uma opinião arraigada, que já lançou longas raízes, empolgando todo o meu espírito.

Em razão da filiação ao Naturalismo, Marques de Carvalho publicou várias produções de cunho fortemente antirromântico tanto em livros quanto na imprensa periódica belenense oitocentista. *Hortência*, por exemplo, é um romance elaborado pelo autor paraense aos moldes naturalistas. Nessa obra, a protagonista-título envolve-se sexualmente com o irmão Lourenço, um mulato voluptuoso, e torna-se a sua escrava sexual. Segundo Alvaro Santos Simões Junior (2014), a caracterização do rapaz mantém relação com uma especificidade do Naturalismo brasileiro:

A hereditariedade [...] passa a ser compreendida como pertencimento a uma raça. Para caracterizar o temperamento da personagem, o romancista vincula-a a uma determinada raça [...]. Dessa perspectiva, o mestiço seria, via de regra, sensual, indisciplinado, preguiçoso, violento etc. Em *Hortência*, o mulato Lourenço, além de estuprar a irmã, envolve-se com mulheres casadas, rouba e espanca a mãe, briga com outros homens pelo privilégio de dormir com certas prostitutas, foge da polícia, abandona o trabalho para viver às custas da irmã, entrega-se à bebida e, finalmente, esfaqueia a irmã porque esta não lhe dera dinheiro. (SIMÕES JUNIOR, 2014, p. 41-42)

Além de Marques de Carvalho, outros escritores localizados na Amazônia paraense se aventuraram pela elaboração de narrativas ficcionais que se contrapunham a uma configuração romântica, a exemplo de Alfredo Pinto e Guilherme Miranda. As produções de cunho antirromântico desses autores foram divulgadas na imprensa periódica belenense oitocentista. No *Diário de Belém*, Alfredo Pinto publicou os seguintes

contos: “Um construtor de nuvens” (19 de fevereiro de 1888), “As ligas” (15 de agosto de 1888), “Nuvem por Juno” (26 de agosto de 1888), “Uma troca dos diabos” (23 de setembro de 1888), “Ao relento” (11 de novembro de 1888) e “Queda das nuvens” (13 de janeiro de 1889). No mesmo jornal, Guilherme de Miranda lançou em 2 de setembro de 1888 o conto “Ao luar”. Nesses trabalhos, quase todas as personagens desconsideram completamente o amor ou colocam esse sentimento num patamar inferior em relação aos instintos sexuais, ao dinheiro, aos interesses sociais e às relações de poder; quando são inseridas personagens que apresentam uma feição romântica, esses seres de papel e tinta são facilmente enganados, menosprezados e até mesmo ridicularizados; os protagonistas, na maioria das vezes, apresentam vícios e cometem atos imorais; quase sempre os desfechos dos enredos não manifestam uma situação favorável, pois algum(ns) personagem(ns) sofre(m) um desengano, uma decepção, uma perda ou uma contrariedade; predominam situações ordinárias, cotidianas e domésticas, como as brigas de casais, as traições, o abandono e as decepções amorosas; pode ser encontrado um certo tom cômico e irônico.

A partir das produções literárias dispersas em periódicos belenenses oitocentistas, pudemos constatar que, durante as duas últimas décadas do século XIX, foram publicadas narrativas ficcionais escritas pela pena de escritores radicados na Amazônia paraense com uma configuração tanto romântica quanto antirromântica. Essa constatação, portanto, demonstra que trabalhos literários elaborados por esses autores tanto inspirados no Romantismo quanto orientados por outros estilos de época coexistiam nas páginas da imprensa da capital paraense no Oitocentos.

Nesse sentido, o espaço da imprensa periódica belenense oitocentista serviu de palco para que escritores e jornalistas situados na capital paraense pudessem estabelecer

um debate efervescente sobre estilos de época que se mantinham como uma forte tendência literária durante o final do século XIX, a exemplo do Romantismo e Naturalismo. Tal fato mantém relação com uma das características do jornal, pois esse suporte, segundo Socorro de Fátima Pacífico Barbosa (2007), pode ser concebido como um espaço de diálogo, debates, polêmicas e fofocas, assim como também o lugar, por excelência, da multiplicidade discursiva, onde ecoam, ainda que de maneira incipiente, as vozes dos mais variados segmentos da sociedade, a exemplo das mulheres.

6. Encerrando a conversa...

O jornal era um espaço do qual muitos escritores radicados na Amazônia paraense em fins do Oitocentos se apropriaram para se aventurarem pela atividade da escrita literária e se promoverem como literatos; para divulgarem anúncios de vendas de obras impressas recém-lançadas a fim de incitar o interesse dos leitores pela aquisição e pela leitura de um exemplar do livro; para publicarem apreciações críticas com forte caráter laudatório não apenas em relação à edição de publicações saídas à luz com o intuito de despertar o interesse do público-leitor, como também em homenagem ao talento e à memória de autores falecidos; e para debaterem sobre escolas literárias que estavam em atividade nas duas últimas décadas do século XIX, a exemplo do Romantismo e do Naturalismo.

Esses resultados apenas foram possíveis por meio da pesquisa em periódicos – fontes primárias –, pois as informações sobre a produção literária no Pará ou na Amazônia do século XIX contidas em fontes secundárias – histórias literárias, enciclopédias, dicionários, antologias etc. – demonstram um número irrisório de autores e obras, de alguma maneira, atrelados ao estado ou à região, de tal modo que Inglês de

Sousa, muitas vezes, é considerado o único ou o maior expoente literato paraense ou amazônico. Tais fontes, portanto, poderiam conduzir qualquer pesquisador a concluir que a produção literária no Pará ou na Amazônia seria insignificante ou até mesmo inexistente.

A pesquisa em periódicos, no entanto, revela que a produção literária ao menos na Amazônia paraense não se restringiu a algumas obras impressas nem a um número irrisório de autores. A partir da nossa pesquisa, podemos afirmar que houve um quantitativo significativo de escritores – hoje totalmente desconhecidos dos leitores deste século e à margem do cânone literário – produzindo poemas, contos e romances (exclusivamente) para a imprensa periódica belenense oitocentista, a exemplo de Paulino de Brito, Marques de Carvalho, Teodorico Magno, Múcio Javrot, Guilherme de Miranda, Juvenal Tavares, Acrísio Mota, Frederico Rhossard, entre outros. Esses trabalhos literários nunca foram compilados em antologias e, portanto, encontram-se ainda hoje esparsos em diversos periódicos que circularam na Belém oitocentista.

Desse modo, desconsiderar o papel da imprensa periódica para promover qualquer debate acerca da produção literária na Amazônia (paraense) do século XIX – sobretudo durante o período da economia gomífera, momento de grande desenvolvimento na região – é oferecer uma perspectiva sobre o assunto ao menos diminuta e permeada de lacunas.

Referências

AZEVEDO, José Eustáquio de. *Literatura paraense*. 3. ed. Belém: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves; Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

_____. *Antologia Amazônica: poetas paraenses*. 3. ed. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1918.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. *Jornal e literatura: a imprensa periódica no século XIX*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

BLAKE, Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1883-1902. 7. vols.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos (1750-1880)*. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.

FERREIRA, Marcela. *Inglês de Sousa: imprensa, literatura e Realismo*. 2015. 307 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Assis, 2015.

FORMIGA, Girlene Marques; SILVA, Fabiana Sena da; BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico (organizadoras). *Miscelâneas, rodapés e variedades: antologia de folhetins paraibanos do século XIX*. João Pessoa: Ideia Editora, 2007.

GARCIA, Débora Cristina Ferreira; FERREIRA, Luzmara Curcino. A recepção do folhetim pelo *Correio Paulistano*. *IPOTESE*, Juiz de Fora, n. 2, v. 17, p. 89-100, jul./dez. 2013.

HEINEBERG, Ilana. Miméticos, aclimatados e transformadores: Trajetórias do romance-folhetim em diários fluminenses. In: ABREU, Márcia (Organizadora). *Trajetórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas: Mercado de Letras/FAPESP, 2008.

HOHLFELDT, Antonio. *Deus escreve direito por linhas tortas: o romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

LIMA, Maria Luiza Rodrigues Faleiros. *A prosa de ficção nos jornais cametaenses*. 2018. 130 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras. Belém, 2018.

MACHADO, Ubiratan. *A vida literária durante o Romantismo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tinta Negra, 2010.

MELLO, Anísio. *Lira amazônica: antologia*. São Paulo: Correio do Norte, 1965.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

NADAF, Yasmin Jamil. *Rodapé das miscelâneas: o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX)*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002.

_____. *O romance-folhetim francês no Brasil: um percurso histórico*. Letras (UFSM), v. 39, p. 119-138, 2009.

SALES, Germana Maria Araújo. Folhetins: uma prática de leitura no século XIX. *Entrelaces* (UFC), v. 1, p. 44-56, 2007.

SIMÕES JUNIOR, Alvaro Santos. Entre Zola e Eça: o Naturalismo brasileiro em seu apogeu (1888). In: _____. *Estudos de literatura e imprensa*. São Paulo: UNESP, 2014.

SOUZA, Márcio. Literatura na Amazônia ou literatura amazônica? *Sentidos da Cultura*, Belém, n. 1, v. 1, p. 25-30, jul./dez. 2014, p. 29.

SOUZA, Antonia Pereira de. *A prosa de ficção nos jornais do Maranhão oitocentista*. 2017. 329 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras. João Pessoa, 2017.

Recebido em 29 de março de 2020.

Aceito em 27 de maio de 2020

¹ Diversas pesquisas atestam a penetração do romance-folhetim no Brasil do século XIX para além do Rio de Janeiro. Tal fato demonstra que o gênero alcançou províncias dos mais distintos lugares do território nacional, a exemplo do Pará (SALES, 2007), do Maranhão (SOUZA, 2017), da Paraíba (FORMIGA; SILVA; BARBOSA, 2007), do Mato Grosso (NADAF, 2002), do Rio Grande do Sul (HOHLFELDT, 2003) e de São Paulo (GARCIA; FERREIRA, 2013).

² A partir de pesquisa realizada durante o curso de mestrado, Maria Luiza Rodrigues Faleiros Lima (2018) demonstra que a prosa de ficção na província do Pará não se restringiu ao espaço da capital, Belém. A autora identificou, por exemplo, a circulação de prosa de ficção em periódicos cametaenses. Convém assinalarmos que ainda são necessárias mais pesquisas em periódicos oitocentistas de outras localidades da província do Pará para que esteja completo em território paraense do século XIX o mapa da circulação não apenas da prosa de ficção como também de outros gêneros literários.

³ As marcas da segunda pessoa do singular estão presentes, por exemplo, na conjugação do verbo “ver” na segunda pessoa do imperativo afirmativo. Exemplo: “Vê [tu] aquele sujeito baixo, cheio de corpo, de bigodes grisalhos, com a cara cheia de sinais de bexigas e respirando um ar bonachão?”. As mesmas marcas podem ser encontradas também na conjugação do verbo “lançar” na segunda pessoa do imperativo afirmativo e do verbo “ver” na segunda pessoa do presente do indicativo. Exemplo: “Lança [tu] a vista para outro lado, leitor. [Tu] Não vês duas moças a conversarem sentadas naquele sofá?”.

⁴ Convém ainda ressaltarmos que “O homem das serenatas” foi predominantemente escrito com os verbos conjugados nos tempos do pretérito.

⁵ É interessante frisarmos que a publicação dos romances de Paulino de Brito e Teodorico Magno num mesmo volume causou certa confusão para alguns dicionaristas e determinados antologistas quando escreveram uma pequena biografia sobre o primeiro autor. Sacramento Blake, no *Dicionário bibliográfico brasileiro*, e Anísio Mello, na *Lira amazônica*, por exemplo, atribuíram ao escritor amazonense a autoria tanto de “O homem das serenatas” quanto de “Por causa de uma loucura”.